

# AS RELAÇÕES ENTRE BRASIL, PARAGUAI E ARGENTINA ATRAVÉS DO MERCOSUL

Daniela Andreia Schlogel<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo trabalha com a hipótese de que o Mercosul se fortaleceu após 2004. Sinais deste fortalecimento são: o aumento do fluxo comercial entre os países do bloco; e a ampliação do escopo, que começou a abordar questões sociais. Com o objetivo de comprovar a hipótese, apresenta-se um levantamento histórico da criação do bloco e dados das relações entre Brasil, Paraguai e Argentina. Baseando-se nos dados é possível considerar que houve fortalecimento do bloco.

Palavras-chave: Integração, Mercosul, bloco econômico.

## RESUMEN

En este artículo se trabaja con la hipótesis de que el Mercosur se fortaleció después de 2004. Los signos de esto son el crecimiento en el comercio entre el bloque y la ampliación del alcance del Mercosur, que comenzó a abordar los temas sociales. Con el fin de probar la hipótesis, se presenta un estudio histórico del bloque, datos y las relaciones entre Brasil, Paraguay y Argentina. Se observa que sí es posible considerar que el bloque se fortaleció.

Palabras-clave: Integración, Mercosur, bloque económico.

## INTRODUÇÃO

O Mercosul é uma importante iniciativa integracionista da América do Sul. Porém, pairam sobre o mesmo uma série de idéias que o defendem, o refutam ou o criticam.

Este artigo é parte de um estudo mais amplo sobre a fronteira entre Foz do Iguaçu, Ciudad del Este e Puerto Iguazú, por este motivo se analisa as relações entre Brasil, Paraguai e Argentina. O

---

<sup>1</sup> Graduada em Ciências Econômicas: Economia, Integração e Desenvolvimento, na UNILA. Mestranda em Integração Contemporânea da América Latina na UNILA, e bolsista do Programa de Pós-graduação strictu sensu da UNILA.

intuito de analisar as relações entre estes países é a de comprovar ou não a hipótese de que houve um fortalecimento do bloco a partir de 2004.

No desenvolver do trabalho faz-se um recorrido histórico do bloco econômico e em seguida, analisa-se as relações entre os três países citados.

## 1. O MERCOSUL

O Mercado Comum do Sul (Mercosul) foi criado através da assinatura do Tratado de Assunção em 1991 por Paraguai, Argentina, Uruguai e Brasil. Mas sua gestação se deu muito antes disto. Com a criação da CEPAL em 1948 e o estudo dos problemas latino-americanos, começou-se a discutir a criação de um mercado econômico regional na América Latina.

No processo de formação da economia mundial, os países periféricos foram inseridos na divisão internacional do trabalho como exportadores de produtos primários e importadores de produtos industrializados produzidos nas economias centrais. Em um primeiro momento, houve benefícios para os países latino-americanos, porém logo na Primeira Guerra Mundial esse lugar ocupado na divisão internacional do trabalho começou a apresentar suas fragilidades (SOUZA, 2009, p.7).

Os países latino-americanos começaram seus processos de industrialização, após o abalo da economia mundial pela crise mundial estrutural que aconteceu entre 1914 e 1945.

A Cepal cumpriu, neste momento histórico, o papel de produzir uma versão local das teorias do desenvolvimento que ganhavam o mundo. Foi com o propósito de impulsionar tal desenvolvimento que surgiu a ideia de impulsionar o comércio intra-regional para diversificar as exportações e sustentar os processos de industrialização que aconteciam na periferia. Daí nasceu a proposta da Associação Latino-Americana de Livre Comércio – ALALC em 1960 e da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento – UNCTAD em 1964 (BIELSCHOWSKY, 1998, p.30).

A declaração do Iguaçu assinada pelos presidentes do Brasil e da Argentina, José Sarney e Raúl Afonsín, na cidade de Foz do Iguaçu, no dia 30 de novembro de 1985, foi o marco do real início da cooperação bilateral, tentada inúmeras vezes na história dos dois países com muitos desencontros (VAZ, 2002, p.77). Na ocasião, os dois presidentes estavam na região trinacional para a inauguração da Ponte Internacional Tancredo Neves que liga Foz do Iguaçu à cidade Argentina de Puerto Iguazú. A Ata do Iguaçu apresentou os princípios norteadores do Tratado de Assunção.

Quando o Tratado de Assunção foi assinado, a conjuntura política e econômica dos dois países já era outra. Entre 1985 e 1990, os dois países buscavam consolidar seus processos de democratização. Além disso, enfrentavam problemas semelhantes em relação ao alto endividamento externo e a inflação (LEME, 2006, p. 13).

Mas, a partir de 1990, passou a preponderar a adoção de políticas neoliberais na região. Os presidentes da Argentina e do Brasil, respectivamente Carlos Menem e Fernando Collor de Melo faziam parte de partidos conservadores que defendiam as idéias do livre mercado.

Em 1994 o Mercosul ganhou personalidade jurídica, ou seja, assumiu competência para negociar com instituições internacionais, outros países ou grupos de países. É a partir de então que ele entra realmente em funcionamento.

Na década de 1990 as economias latino-americanas estavam entrando no processo de mundialização. Segundo Chesnais (2001) a mundialização é o processo desencadeado pós 1979-1981 que garantiu a imposição da supremacia do capital financeiro. Seus fundamentos são tanto econômicos quanto políticos e sua implementação foi mediada pelas privatizações e desregulamentações implantadas após este período.<sup>2</sup>

A inspiração cepalina que contribuiu na criação dos primeiros acordos que deram origem ao Mercosul foi substituída pelas ideias do regionalismo aberto que oportunamente atendiam a interesses do capital. Com a queda do muro de Berlim e a nova configuração da economia mundial, as ideias do livre comércio voltaram a ser difundidas com força total. O regionalismo aberto é o reflexo desta onda vestida com roupagem local. Este tipo de regionalismo foi proposto pela Cepal em 1994, justificada pela instituição como uma etapa pela qual passariam os países latino-americanos até toda a economia mundial tornar-se livre e aberta de qualquer restrição. O regionalismo aberto não teria como objetivo proteger os interesses dos países membros e sim respeitar as ‘leis imutáveis’ do mercado livre. O papel do Estado neste cenário seria garantir os contratos e a competitividade internacional, conduzindo os países a se adequarem a uma ‘nova ordem’ em que as aberturas de suas economias e as flexibilizações de suas leis obedeceriam a interesses do mercado, ou seja, dos grandes grupos transnacionais.

A integração econômica deveria promover economias de escala e de escopo. Que gerariam ganhos de eficiência das cadeias produtivas formadas nos diversos países da América Latina. Isso ocorreria através de certa especialização produtiva.

A tese central da Cepal de 1994 propõe que haja uma transformação produtiva com equidade, como se fosse possível que cada país, ou um grupo de países, oferecesse seus recursos ao mercado internacional, sem impor restrições, e consequentemente o crescimento da economia internacional beneficiaria com igualdade todos os países latino-americanos. Essa tese lembra, de fato, a teoria das vantagens comparativas de David Ricardo, não por acaso, visto que o regionalismo aberto cepalino tem relação muito estreita com o neoliberalismo dos anos 1990 que resgata estas ideias da economia clássica.

---

2 O conceito “desregulamentação” pode ser discutido, visto que, observou-se de fato uma neoregulamentação, com novas regras, que atendem a determinados propósitos.

Foi neste ambiente que os Estados Unidos propuseram a Área de Livre Comércio das Américas – ALCA, acertadamente rejeitada pelos países do MERCOSUL. Sua rejeição acabou por inaugurar um novo momento da integração latino-americana.

Para Nilson Araújo de Souza (2012), o fracasso da ALCA e a emergência de governos progressistas na região inauguraram uma 4ª onda integracionista que dura até o presente momento. Para o autor,

O mesmo Mercosul, que fora moldado nos termos do programa neoliberal, foi utilizado, em mãos de governos progressistas, como instrumento para barrar o expansionismo estadunidense, disfarçado de integração continental (SOUZA, 2012, p.54).

Esta última onda fortaleceu o Mercosul. A entrada da Venezuela no Bloco em 2012 tornou-o o maior bloco econômico da América do Sul, abrangendo 72% do território, 70% da população e 77% do PIB. Isso sem contar com a soma dos dados Bolivianos, visto sua recente adesão que aguarda somente algumas ratificações internas dos membros. A inclusão deste último país demonstra que o bloco segue se fortalecendo.

O objetivo inicial do Mercosul era estabelecer um Mercado Comum. Para tanto teria que avançar pelas seguintes etapas: estabelecer tratados de livre comércio; estabelecer uma união aduaneira e formar um Mercado Comum. Até o presente momento, considera-se que o bloco é uma união aduaneira imperfeita, visto que nesta etapa o comércio seria livre de restrições e os tributos cobrados para os países de fora do bloco seriam iguais. No entanto não é o que ocorre integralmente (FREIRE E ALMEIDA, 2011, p.3).

De fato isso não é um problema porque o bloco precisa seguir as etapas que atendam suas necessidades e não modelos prontos propostos externamente. Em 1994 foi criada no bloco a Tarifa Externa Comum - TEC. Atualmente, o Mercosul estabelece uma lista de exceções à TEC com o objetivo de proteger setores estratégicos em cada país.

A partir das duas últimas décadas do século XX, configurou-se na mundialização um novo padrão de reprodução do capital na América Latina. Segundo Jaime Osorio (2012), trata-se de um Padrão Exportador de Especialização Produtiva.

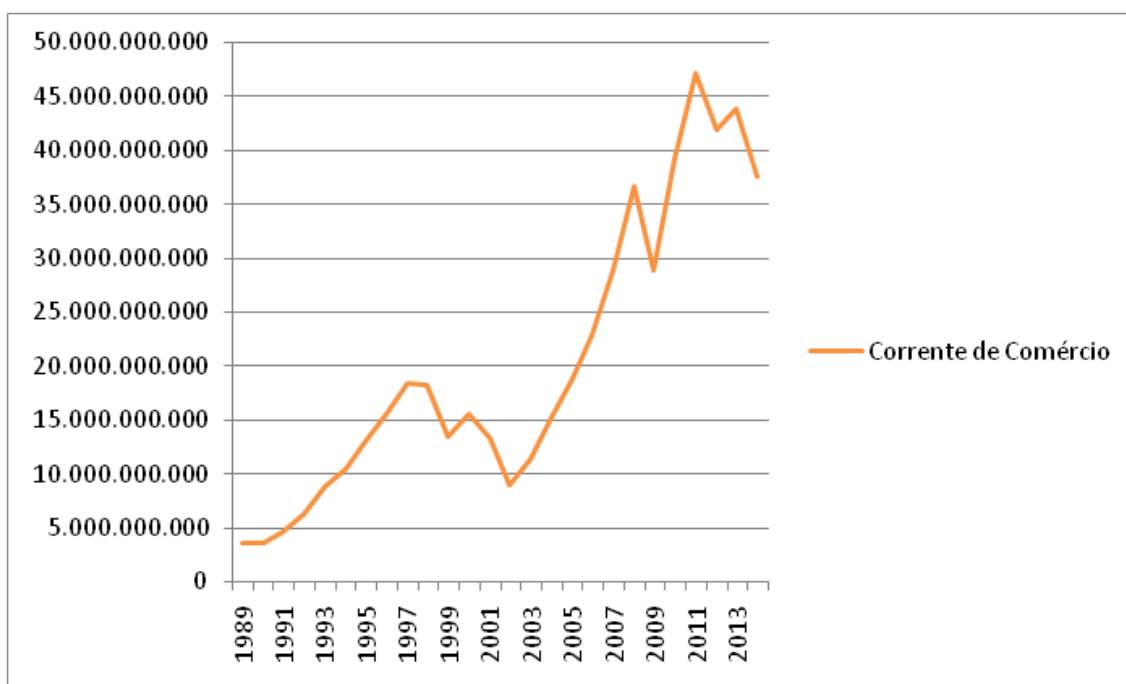
O conceito de padrão de reprodução do capital, desenvolvido por Nilson Araújo de Souza, Jaime Osório e Ruy Mauro Marini, faz o esforço de “dar conta das formas como o capital se reproduz em períodos históricos específicos e em espaços geoterritoriais determinados” (OSORIO, 2012, p.40).

Este novo padrão é caracterizado pelo grande peso das exportações para o sustento das economias nacionais, pelo direcionamento da pauta exportadora para produções seletivas (bens primários ou secundários) e pela realocização ou fragmentação de segmentos produtivos.

Podemos somar às características deste novo padrão à tendência ao uso corporativo do território. Segundo Milton Santos (1994), o território, entendido como meio socialmente construído, condiciona possibilidades de ação e ao mesmo tempo é condicionado pelo uso que se faz dele. A partir do neoliberalismo houve uma tendência do Estado ceder às empresas maior papel na construção do espaço. Seguindo esta tendência, na mundialização os lugares competem entre si, e os Estados oferecem vantagens para que o território usado pelo outro seja o seu e não o do vizinho. O que torna maior o desafio de um bloco econômico promover a integração regional.

O fato é que o Mercosul aproximou os países membros ao longo dos anos no que tange a relações comerciais. O comércio entre os países, que era insignificante no momento de sua criação, foi tomando maiores proporções ao longo dos anos.

**Gráfico 1.** Corrente de comércio intraMercosul em US\$ FOB



Fonte: MDIC (2015). Elaborado pela autora.

Em 1989, antes da criação do bloco, o comércio entre os países do bloco era de US\$ 3,5 bilhões. Em 2001, dez anos após sua criação era de US\$ 13,3 bilhões. Em 2011, após vinte anos, era de US\$ 47,2 bilhões. Em 2014, a corrente de comércio entre os países do bloco sem a Venezuela é de US\$ 37 bilhões. Com a Venezuela, o montante chega a US\$ 56,4 bilhões.

A queda observada entre 1999 e 2003 foi causada pela desvalorização da moeda brasileira com o plano real que gerou efeitos negativos na economia argentina. Culminando na crise deste país em 2001.

Segundo Vegas (1999), os fatores determinantes para o fluxo de comércio entre o Brasil e a Argentina são o nível de atividade da economia e o tipo de câmbio real. Para o autor:

Por um conjunto de circunstâncias sobre as quais o Brasil não tem responsabilidade, tais como a queda nos preços dos principais bens primários exportados e a recessão nos seus principais sócios comerciais a quem vende bens manufaturados, os efeitos da desvalorização traduziram-se em uma forte queda nos fluxos de comércio exterior brasileiro com o mundo e com muito maior intensidade com a Argentina, que ingressou neste mesmo período em uma forte recessão (VEGAS, 1999, p. 13).

Embora sem possibilidade de ação sobre as circunstâncias que levaram o Brasil aos problemas que levaram a promover a desvalorização, ela em si foi uma ação que desconsiderou aquilo que foi assinado no Tratado de Assunção sobre coordenar políticas macroeconômicas. Como se sabe, política cambial faz parte do tripé macroeconômico juntamente com a política fiscal e a política monetária.

Além da aproximação comercial que será melhor detalhada no decorrer deste estudo, o Mercosul apresentou no decorrer dos anos uma intensificação da sua atividade institucional.

Pode-se notar que a partir de 2004 se intensificam as atividades e iniciativas institucionais. A título de comparação em 1995, 1996, 1999, 2000, 2001 não houve nenhuma movimentação como a assinatura de tratados, acordos ou regulamentações. Enquanto 2004 instalou-se o Tribunal Permanente de Revisão e criou-se o FOCEM (Fundo de Convergência Estrutural do Mercosul). A partir de então, os anos seguintes foram marcados por várias aprovações e assinaturas.

É possível perceber que após 2004 as iniciativas do bloco propõem ações para além da aproximação comercial. Exemplo disso é a criação de um fundo que visa financiar obras que reduzam as assimetrias entre os países membros, o FOCEM, em 2004. E 2005 assinou-se o protocolo constitutivo do parlamento do Mercosul que reuniu-se pela primeira vez em 2006.

A criação do Instituto Social do Mercosul em 2007, também é um importante marco para o bloco, porque através deste instituto coloca-se em pauta a dimensão social da integração regional. Em 2009 cria-se o instituto de Políticas Públicas de Direitos Humanos que desenvolve projetos de cooperação internacional como por exemplo o ‘Projeto de cooperação humanitária internacional para migrantes, apátridas, refugiados e vítimas de tráfico de pessoas’.

## 1.1 RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE OS TRÊS PAÍSES

Especificamente entre Brasil, Paraguai e Argentina, as relações comerciais também cresceram progressivamente no desenvolvimento do bloco. Para focar na fronteira estudada, primeiramente deve-se observar o comércio entre os três países.

O relacionamento entre cada um é distinto. Isto se dá em grande parte pelas assimetrias concretas e materiais observadas. Segundo dados do IBGE “países” (2015), o Brasil é o maior país da América do Sul, possui 202 milhões de habitantes, 8,5 milhões de Km<sup>2</sup>, e um PIB de aproximadamente 2.3 trilhões de dólares. Da sua população, 85,43% vivem em área urbana e 14,57% em área rural. Apresenta uma densidade demográfica de 24 habitantes do Km<sup>2</sup> e a taxa de natalidade é mais do que o dobro da taxa de mortalidade.

O Paraguai possui um território de 406.750 Km<sup>2</sup>, uma população de aproximadamente 7 milhões de pessoas e um PIB de pouco mais de 29 bilhões de dólares. Da sua população, 59,42% vivem em área urbana e 40,58% em área rural. A densidade demográfica é de 17 habitantes por km<sup>2</sup>. E a taxa de natalidade é quatro vezes maior que a taxa de mortalidade.

A Argentina possui um território de aproximadamente 2.8 milhões de Km<sup>2</sup>, uma população de 41.8 milhões de habitantes e um PIB de aproximadamente 612 bilhões de dólares. É o segundo maior país da América do Sul em território e o terceiro em população. Ficando neste quesito atrás da Colômbia.

Da população argentina, 91,6% residem em área urbana e os restantes 8,4% em área rural. O país possui densidade demográfica de 15 habitantes por km<sup>2</sup>. A natalidade é um pouco maior do que o dobro da mortalidade.

O índice de desenvolvimento humano (IDH) da Argentina é o maior entre os três países, 0,808. O Brasil possui IDH de 0,744 e o Paraguai de 0,676.<sup>3</sup>

Os gastos públicos com educação em relação ao PIB são próximos nos três países, 5,8% na Argentina. 5,8% no Brasil e 4,1% no Paraguai. Em relação ao investimento em ciência e tecnologia o Brasil, é o país que mais faz investimentos na área, com o investimento de 1,16% do PIB, contra 0,60% na Argentina e 0,06% no Paraguai. Na saúde, o Brasil investe 4,2% do PIB, a Argentina 4,4% e o Paraguai 2,1%.<sup>4</sup>

Segundo dados de 2014 do Trade Map (2015), o Brasil é o principal importador da Argentina responsável por comprar 20,3% das suas exportações. Em seguida está a China, que compra 6,5% do que os Argentinos vendem e depois os EUA com participação de 5,9%.

O mesmo se repete com o Paraguai, o Brasil é responsável pela compra de 30,7% das exportações do mesmo. Os outros maiores compradores do Paraguai são a Rússia com 10,8%, o Chile responsável por 7% e a Argentina, com 6,8%

---

3A título de comparação, os dez países que possuem os maiores IDHs do mundo apresentam números de 0,900 a 0,944.

4Embora seja complicado realizar comparações sem aprofundamento, vale ressaltar que este nível de investimento em saúde é pelo menos o metade do percentual de investimento dos países considerados desenvolvidos.

Em relação às compras desses países oriundas do Brasil, pode-se observar o mesmo quadro. Cerca de 27,8 do que o Paraguai importa vem do Brasil. Seguido pela China, com 25,3 e a Argentina com 14%.

Na Argentina, 21,8% do que se importa vem do Brasil, seguido pela China com 16,4%, e pelos EUA com 13,5%. As compras da Argentina oriundas do Paraguai representam apenas 0,7% do total.

Ou seja, o Brasil é um parceiro comercial muito importante para os dois vizinhos. O que não é observado com tanta intensidade quando se olha a importância destes dois para o Brasil. Isso não quer dizer que sejam irrelevantes, só que a importância não é recíproca.

O principal importador do Brasil é a China, com 18%. Seguido pelos Estados Unidos com 12,1. A Argentina compra 6,3% das exportações brasileiras e o Paraguai 1,4%.

Das compras brasileiras 16,3% vem da China, 15,4% dos Estados Unidos e 6,2% da Argentina. Quase o mesmo percentual que o Brasil compra da Alemanha, 6%, que fica do outro lado do oceano. As compras brasileiras do Paraguai representam 0,5% das do total importado.

#### 1.1.1 EXPORTAÇÕES DO PARAGUAI

Sobre a pauta de exportação também é possível fazer algumas considerações importantes. Como notamos abaixo, na tabela 1, os produtos que o Paraguai vende ao Brasil, em sua grande maioria primários e de baixo valor agregado<sup>5</sup>, permanecem os mesmos desde a formação do bloco econômico, exceto pelo ganho de importância da venda de “Máquinas e aparelhos, material elétrico e suas partes”<sup>6</sup> que passa a representar o quinto produto mais vendido do Paraguai para o Brasil nos últimos anos.

No caso das vendas do Paraguai para Argentina, também observamos uma predominância de produtos primários.

Tabela 1. Exportações do Paraguai para os vizinhos em US\$ FOB

PAÍS	PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS EM 1994	PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS EM 2004	PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS 2014
BRASIL	Combustíveis e óleos minerais	Combustíveis e óleos minerais	Combustíveis e óleos minerais
	Algodão	Sementes e frutos	Cereais

<sup>5</sup>Considera-se uma mercadoria com maior valor agregado aquela que contém maior elaboração. E produto primário, uma mercadoria básica que será usada na elaboração de um produto final.

<sup>6</sup>“Máquinas, aparatos e materiais” é o nome do capítulo em que determinado produto está inserido. O que apresenta uma característica geral do produto e não suas especificidades. Estes nomes fazem parte da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), criada para organização do comércio regional. E que se baseia em um Sistema Harmonizado de Designação e Codificação de Mercadorias (SH) usado internacionalmente.



		oleaginosos	
	Sementes e frutos oleaginosos	Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares	Sementes e frutos oleaginosos
	Gorduras e óleos animais ou vegetais; Ceras de origem animal	Algodão	Carnes e miudezas, comestíveis
	Cereais	Cereais	Máquinas e aparelhos, material elétrico, e suas partes
ARGENTINA	Madeira, carvão vegetal e obras de madeira	Combustíveis e óleos minerais	Combustíveis e óleos minerais
	Ferro fundido, ferro e aço	Sementes e frutos oleaginosos	Gorduras e óleos animais ou vegetais; Ceras de origem animal
	Combustíveis e óleos minerais	Madeira, carvão vegetal e obras de madeira	Sementes e frutos oleaginosos
	Algodão	Ferro fundido, ferro e aço	Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares
	Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos	Gorduras e óleos animais ou vegetais; Ceras de origem animal	Papel ou cartão e suas obras

Fonte: Banco Central del Paraguay (2005). Elaborado pela autora.

Para ilustrar a assimetria das relações, é possível considerar que, somando o que a Argentina comprou do Paraguai em 1994, 2004 e 2014, não chega a 50% do valor que o Brasil importou do Paraguai em 2014.

O principal produto de exportação do Paraguai para o Brasil desde o começo do Mercosul, e que passou a decorrer dos anos a ser também o principal produto vendido a Argentina, é a energia elétrica. Que está dentro do capítulo 27 da NCM, intitulado “Combustíveis e óleos minerais”.

No caso brasileiro, isso se dá em função da Usina Hidrelétrica de Itaipu<sup>7</sup>, empresa binacional construída a partir de 1973 no rio Paraná que divide Foz do Iguaçu e Ciudad del Este (ITAIPU, 2015). A Usina inaugurada em 1982 é a maior geradora de energia hidrelétrica do mundo.

Segundo Severo, (2015)

Há dois acordos centrais com relação à Itaipu. O primeiro é que o Brasil pagaria toda a obra e, por isso, o Banco do Brasil emprestou ao Paraguai 100% dos recursos equivalentes à sua participação. O segundo ponto é que, caso um dos dois países não usasse a sua parte da energia (50%), venderia para o outro a um preço

<sup>7</sup>Em tupi, Itaipu quer dizer “pedra que canta”.

fixo. Este preço foi definido de comum acordo e foi revisado em 1983 e em 2005. Em julho de 2009, houve um novo reajuste que triplicou o valor pago pelo Brasil por cada quilowatt/hora (SEVERO, 2015, p. 144).

A usina, financiada pelo Brasil, mas de propriedade binacional representou uma experiência *sui generis* para os dois países, além de ser um marco que transformou a região e o espaço neste que se apresenta, e que tentamos desvendar e entender.

Em 1994 a energia elétrica representou aproximadamente 75% das exportações do Paraguai para o Brasil. Em 2004, aproximadamente 79% e em 2014 cerca de 58%. Isso proporcionalmente, porque, em relação ao volume de comércio, entre 2004 e 2014 as vendas do primeiro para o segundo mais do que dobrou e ganhou importância a venda de Cerais, Soja e Carnes.

A venda de energia elétrica do Paraguai para a Argentina fica por conta de uma iniciativa parecida com Usina de Itaipu, porém em menor proporção. A Usina Hidrelétrica de Yacyretá<sup>8</sup>, localizada entre as cidades de Posadas e Encarnación. Criada a partir do Tratado Yacyretá em 1973, é de propriedade da Entidade Binacional de Yacyretá e sua área regida por leis especiais (Tratado de Yacyretá, 1973).

#### 1.1.2 EXPORTAÇÕES DA ARGENTINA

Para analisar o que a Argentina vende aos vizinhos só foi possível encontrar dados específicos e comparável dos anos mais recentes. Estes dados mostram mais uma vez que o Brasil é um importante parceiro comercial regional. O que a Argentina exporta para o Brasil é 11 vezes mais do que para o Paraguai. A pauta exportadora da Argentina para os dois vizinhos contém mais produtos industrializados e semi-industrializados, ou seja, tem mais valor agregado do que a do Paraguai.

Tabela 2. Exportações da Argentina para os vizinhos em US\$ FOB

PAÍS	PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS EM 1994*	PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS EM 2004*	PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS 2014
BRASIL			Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos
			Plásticos e suas obras
			Cereais
			Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação
			Reatores nucleares, caldeiras, máquinas,

<sup>8</sup>Yacyterá é um vocábulo guarani que pode ser interpretado tanto como “lugar onde brilha a lua”, como “lugar de águas difíceis”.

			aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes
PARAGUAI			Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação
			Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos
			Produtos químicos.
			Ferro fundido, ferro e aço
			Plásticos e suas obras

Fonte: Trade Map (2015). Elaborado pela autora. \* Dados não disponíveis.

### 1.1.3 EXPORTAÇÕES DO BRASIL

Os dados disponibilizados pelo Ministério da Indústria e Comércio (MDIC) do governo brasileiro trazem especificamente os principais produtos de exportação do país. Diferentemente das tabelas anteriores que apresentam os produtos por agrupamentos.<sup>9</sup>

Tabela 3. Exportações do Brasil para os vizinhos em US\$ FOB

PAÍS	Principais produtos exportados em 2001*	Principais produtos exportados em 2004	Principais produtos exportados 2014
PARAGUAI	Adubos ou fertilizantes c/nitrogenio, fósforo e potássio	Adubos ou fertilizantes c/nitrogênio, fósforo e potássio	"gasoleo" (óleo diesel)
	Caixas e cartonagens, dobráveis, de papel/cartão, ondul.	Adubos ou fertilizantes c/fósforo e potássio	Adubos ou fertilizantes c/nitrogênio, fósforo e potássio
	Adubos ou fertilizantes c/fósforo e potássio	Outros pneus novos para ônibus ou caminhões	Cervejas de malte
	Outros pneus novos para ônibus ou caminhões	Outras máquinas e aparelhos p/colheita	Fumo n/manuf.total/parc.des tal.fls.secas, etc.
	Água incl.mineral/gaseif. adição.acucar, aromatizada, etc.	Outros tratores	Ceifeiras-debulhadoras
ARGENTINA	Automoveis c/motor explosao, 1500<cm3<=3000, ate 6 passag.	Automóveis c/motor explosão, 1500<cm	Automóveis c/motor explosão, 1500<cm3<=3000, ate 6 passag

<sup>9</sup> Esta diferenciação não era prejudicial para esta análise, que busca apresentar um panorama geral do comércio entre os três países.

		3<=3000, até 6 passag.	
	Óleos brutos de petróleo	Terminais portáteis de telefonia celular	Automóveis c/motor explosão, 1000<cm3<=1500, até 6 passag.
	Outros veículos automóveis c/motor diesel, p/carga<=5t	Outros veículos automóveis c/motor diesel, p/carga<=5t	Minérios de ferro não aglomerados e seus concentrados
	Alumina calcinada	Chassis c/motor diesel e cabina, 5t<carga<=20t	Minérios de ferro aglomerados e seus concentrados
	Outras partes e acess.p/tratores e veículos automóveis	Automóveis c/motor explosão, 1000<cm3<=1500, até 6 passag.	Chassis c/motor diesel e cabina, 5t<carga<=20t

Fonte: MDIC (2015) Elaborado pela autora.\*O MDIC disponibiliza estes dados especificamente a partir de 2001.

A indústria automobilística é um importante setor da economia argentina e os componentes para tal indústria é um dos principais produtos que o Brasil vende para o país. Da mesma forma, a produção agrícola, de grande importância no Paraguai, recebe adubos e fertilizantes do mercado brasileiro. A grosso modo, isso representa um determinado grau de complementaridade do comércio regional.

Os principais produtos exportados pelo Brasil têm mais valor agregado que os dos vizinhos, fato explicado pela assimetria do tamanho das economias e as possibilidades reais e concretas de exploração de inúmeros e diversificados recursos.

Para alguns autores isso pode representar uma posição subimperialista do país maior em relação aos países menores, que dado o momento do capitalismo atual, assume um papel de replicar regionalmente relações presentes globalmente.<sup>10</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação do FOCEM em 2004 e do Instituto Mercosul Social em 2007, mostram que após a chegada dos governos progressistas nos países do bloco (tendência observada em muitos países da América Latina), o Mercosul ampliou seu escopo de atuação e colocou em pauta questões que vão além da esfera comercial.

<sup>10</sup> Para Ruy Mauro Marini um dos resultados da internacionalização da acumulação capitalista é a formação de subcentros econômicos e políticos, subordinados a dinâmica global porém com uma certa autonomia e que podem exercer regionalmente um papel subimperialista (MARINI, 1992).

No entanto, as relações comerciais se intensificaram neste período, mostrando que o comércio continua sendo a face com maior destaque da iniciativa. Continuam existindo assimétricas entre os países. O Brasil é um importante sócio comercial do Paraguai e da Argentina e portanto desempenha um importante papel regional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIELSCHOWSKY, R. Cinquenta anos de pensamento na cepal – uma resenha. In: Cinquenta anos de pensamento na CEPAL. Organização: Ricardo Bielschowsky. Record. Rio de Janeiro: 2000.

CHESNAIS, F. Mundialização: o capital financeiro no comando. Revista eletrônica Outubro. No. 5. 2001, p. 7-28. Disponível em: <<http://www.outubrorevista.com.br/blog>>. Acesso em: 30 de junho de 2015.

ENTIDADE BINACIONAL YACYRETÁ. Disponível em: <<http://www.eby.gov.py/index.php/institucional/historia>> Acesso em 09/12/2015.

FREIRE E ALMEIDA, D. Etapas de Integração Regional nos Blocos Econômicos. New York: Lawinter, Abril, 2011. Disponível em: < [www.lawinter.com/irelations1.pdf](http://www.lawinter.com/irelations1.pdf) > Acesso em 24/08/2015.

IBGE. Instituto Nacional de Geografia e Estatísticas. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/paisesat/main\\_frameset.php](http://www.ibge.gov.br/paisesat/main_frameset.php)> Acesso em 04/12/2015.

ITAIPU BINACIONAL. Disponível em: <<https://www.itaipu.gov.br/>> Acesso em 05/12/2015.

LEME, A. A. S. P. A Declaração do Iguazu (1985): A nova cooperação Argentino-Brasileira. 2006. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Programa de pós-graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS. Porto Alegre: 2006.

LIGI, L. Mercosul 20 anos. Revista Desafios do desenvolvimento. São paulo: IPEA, N. 68, p. 46-62, 2011.

MARINI, R. M. América Latina: dependência e integração. São Paulo, Brasil Urgente, 1992.

MDIC. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. Estatísticas de Comércio Exterior. Disponível em: <[http:// http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/index.php?area=5](http://http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/index.php?area=5)> Acesso em 11/11/2015.

OSORIO, J. América Latina: O novo padrão exportador de especialização produtiva – Estudo de cinco economias da região. In: Carla Ferreira, Jaime Osorio, Mathias Luce (orgs.). Padrão de

reprodução do capital: contribuições da teoria marxista da dependência. São Paulo: Boitempo, 2012.

SANTOS, M. Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

SEVERO, L. W. Integração Econômica e Integração da América do Sul: O Brasil e a Desconstrução das Assimetrias Regionais (tese de doutorado). Programa de Pós-graduação em Economia Política Internacional, Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 2015.

SOUZA, N. A. Economia Internacional Contemporânea: da grande depressão de 1929 ao colapso financeiro de 2008. Atlas. São Paulo: 2009.

SOUZA, N. A. América Latina: as ondas da integração.OIKOS. Rio de Janeiro, v. 11, N. 1, P. 87 -126, 2012.

VAZ, A. C. Cooperação, integração e processo negociador: a construção do Mercosul. IBRI. Brasília: 2002.